

PRÁTICAS DOCENTE: EXPERIÊNCIAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE MACEIÓ

Maria Amábia Viana GOMES¹

Willams dos Santos Rodrigues LIMA²

Resumo:

Este artigo é resultado de experiências vivenciadas durante o estágio não obrigatório, realizado em uma Escola de Ensino Fundamental da Rede Pública de Maceió. O estudo teve o objetivo de investigar a formação de professores, quanto a relevância da articulação teórico-prática pedagógica e focalizou a importância do estágio como mecanismo imprescindível para aproximar o acadêmico da realidade do contexto escolar. Buscou-se, ainda, neste estudo relatar as experiências obtidas no estágio, as expectativas e a prática desenvolvida com uma turma de 25 alunos, com idade entre 7 e 8 anos, no 2º ano do ensino fundamental. A metodologia baseou-se na pesquisa qualitativa com abordagem na pesquisa-ação Chizzotti (2010). Foram utilizados como instrumentos, o diário de estágio e a observação constante da ação pedagógica. Para a construção deste artigo, nos apoiamos nos autores: Silva (2003); Pimenta e Lima (2006); Araújo (2010); Guimarães, Fonseca e Bernardes (2010); Bernardine (2011). Os resultados deste estudo ratificam que o estágio contribui significativamente na vida do futuro professor, por fomentar e aprofundá-lo na pesquisa, oportunizando-lhe experiências enquanto docente, ampliar a visão crítica sobre sua área de atuação, colocá-lo frente aos desafios da profissão em várias dimensões: humana, técnica e social e proporcionar-lhe prévio conhecimento do ambiente e da dinâmica da escola.

231

Palavras-chave: Educação; Práticas docente; Relato de experiência.

¹ Especialista em Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental e Médio pela Universidade Federal de Alagoas. Mestre em educação pela UFAL. Professora e Coordenadora do Ensino Básico pela Secretaria Municipal de Educação de Maceió – AL. E-mail: amabiaviana@gmail.com.

² Graduado em Pedagogia, no Centro de Educação – CEDU, pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: Willams.rodriques@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve o objetivo de levar-nos a reflexão crítica sobre a docência, tendo como caminho o estágio curricular não obrigatório, que consideramos um valioso instrumento para compreensão do contexto escolar, dos desafios cotidianos na sala de aula, da articulação teoria e prática e da necessidade do movimento reflexão-ação.

O estágio foi vivenciado numa turma do 2º ano do ensino fundamental. As experiências aqui relatadas aconteceram em uma escola municipal da cidade de Maceió-AL. Na turma, estudavam vinte cinco alunos entre 7 e 8 anos de idade. Todos moradores de bairros periféricos em torno da escola. Como em todas as turmas, alguns estudantes aprendiam facilmente os conteúdos trabalhados, enquanto que outros tinham dificuldades de aprendizagem. Alguns eram extremamente carentes afetivamente, enquanto outros se mostravam independentes e seguros nas realizações das atividades.

Quanto aos conteúdos trabalhados, a intenção pedagógica era explorá-los de maneira mais dinâmica e significativa. Os conteúdos abordados foram: meios de transporte; cores primárias, cores secundárias e pinturas diversificadas; bem como, a formação de palavras. Para realizar tais atividades foram utilizadas algumas estratégias de ensino, entre elas, formação de palavras por meio de letras móveis e vários recursos: utilização do livro didático, pratos descartáveis, telas feitas com papelão, uso do Datashow, vídeos relacionados com os conteúdos e textos de apoio montado para obter maiores resultados.

Foi neste contexto de diferenças e particularidades entre os alunos, bem como das dificuldades enfrentadas e vivenciadas na prática como professor, que começamos as experiências no estágio não obrigatório.

Ao fazer a escolha por um curso de graduação, surgem as incertezas, as dúvidas sobre a profissão que se pretende trabalhar. Dentre elas, se haverá identificação do acadêmico com o curso escolhido, os desafios que encontrará no decorrer do curso, bem como da própria profissão e, como lidará com as distintas situações de âmbito educacional e social.

No curso de graduação em licenciatura em Pedagogia, a insegurança e/ou os imprevistos são diversos para os(as) acadêmicos(as). Como será a escola? Como serão os alunos? Como a turma reagirá às devidas atividades? Será que os alunos acharam as aulas interessantes? Será que darão conta das atividades com aulas dinâmicas? Estes e outros questionamentos surgem na vida dos acadêmicos principalmente os discentes do curso de

Pedagogia, em que seu trabalho terá como foco crianças pequenas. Contudo, mesmo com tanta ansiedade e preocupações, somente na sala de aula, durante a prática como professor, que o discente vai conseguir respostas para todas as perguntas.

O início do trabalho do graduado, em uma sala de aula, se torna difícil e complicado, do ponto de vista que não se sabe como será a receptividade do alunado nem mesmo as dificuldades que podem surgir, todavia é necessário, entregar-se as experiências e fazer o melhor possível, para que ao materializar a atividade, realize de forma exitosa, a ponto de garantir, sempre a melhor metodologia que se pode, oferecendo aos alunos uma educação de qualidade.

O ESTÁGIO: reflexão sobre teoria e prática pedagógica

Este estudo está fundamentado em um referencial teórico que visa a compreensão, bem como a reflexão sobre o estágio como uma das metodologias responsáveis por articular teoria e prática, numa perspectiva e relação de fundamental importância na prática docente.

O estágio em docência na modalidade obrigatória ou não obrigatória é de suma importância para os discentes durante sua formação acadêmica. Pois, ao sair da universidade, ele estará mais preparado para enfrentar a realidade educacional.

Para Pimenta e Lima (2006, p. 6), “[...] o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa”. Este momento é visto como aquele em que o estudante faz relações entre a teoria e prática, que ao se articularem são considerados como trabalho diferenciado e de pesquisa.

Nesse sentido, a prática de estágio é entendida como:

[...] ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008, p. 7).

Mais uma vez podemos destacar a importância dada ao estágio curricular, quando este é visto como espaço educativo, pois, trata-se de um momento em que o discente desenvolve atividades educacionais nas mais variadas modalidades de ensino.

Nesse contexto, Guimarães, Fonseca e Bernardes (2010), destacam que o estágio é importante, pois com ele o graduando adquire experiências práticas quanto à docência e a didática. Nesta condição, ele tem a oportunidade de produzir conhecimento e auxiliar os seus alunos nesse processo.

Na universidade, abordasse muito que uma das funções do estágio é unir teoria à prática dos estudantes em formação, porém, nem sempre esta ação é vista dessa maneira. Pimenta e Lima, (2006, p. 6) ratifica: “[...] não é raro ouvir-se dos alunos que concluem seus cursos se referirem a estes como ‘teóricos’, que a profissão se aprende ‘na prática’, que certos professores e disciplinas são por demais ‘teóricos’. Que ‘na prática a teoria é outra’”.

Os conteúdos trabalhados na universidade são fundamentais, os acadêmicos precisam conhecer autores e/ou teorias relacionadas a educação, ao seu campo de investigação. Porém, quando o discente - futuro docente - chega numa sala de aula, ele percebe que há um distanciamento entre o que ele estuda/estudou e a escola, a prática parece está desarticulada das teorias estudadas.

Nesse sentido, do ponto de vista de Moraes (2012, p. 20),

O estágio não é o único momento de reconhecer o valor da prática educativa, visto que as atuais diretrizes curriculares determinam que o contato com a prática se dê ao longo dos cursos, de forma que se marque a sua importância sem, com isso, criar uma oposição à teoria. [...] o estágio é o momento de sistematizar a aproximação com o que chamamos de *práxis*, processo em que teoria e prática dialogam em torno de uma ação crítica e reflexiva.

A partir das colocações da autora, fica claro que a prática educativa não deve acontecer somente durante a realização do estágio nas escolas de atuação, mas, que esta prática seja desenvolvida durante toda a formação dos graduandos, não se distanciando das reais precisões das escolas, bem como das necessidades dos alunos. Em outras palavras, a teoria discutida na universidade deve estar de acordo com as práticas e dessas necessidades, para não acontecer de os graduandos entenderem que a teoria não condiz com a prática. Diante desse dilema, Pimenta e Lima (2006, p. 6), destacam, ainda, que:

No cerne dessa afirmação popular, está a constatação, no caso da formação de professores, de que o curso não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática.

Se por um lado os cursos de graduação matam seus currículos, por ser engessados, centrados em conteúdos sem vida, distantes do contexto social, embasados em concepção arcaica de educação, direcionada para “depositar” as teorias educacionais no processo de formação, por outro lado, as práticas desenvolvidas no dia a dia em sala de aula, se distanciam do que é estudado na universidade. Em outras palavras, a teoria parece não refletir na prática, pois nesse sentido, uma ou outra fica nula.

Do ponto de vista de Bernardine (2011, p. 3):

O estágio funciona como uma ‘janela do futuro’ através da qual o aluno antevê seu próximo modo de viver. Deve ser uma passagem natural do ‘saber sobre’ para o ‘saber como’; um momento de validação do aprendizado teórico e prático em confronto com a realidade.

Diante dessas discussões entre teoria e prática, cabe-nos refletir se a teoria vista na universidade servirá e/ou nos proporcionará condições para desenvolver uma prática diferenciada que oportunizará aos nossos (futuros) alunos vivenciar situações prazerosas e desafiadoras de aprendizagens. Importante salientar que os cursos de licenciaturas devem oportunizar aos graduandos um aporte teórico que se aproxime com a realidade escolar atual, uma vez que o desenvolvimento das práticas metodológicas ocorrerão a partir das necessidades educacionais de cada instituição de ensino. É nesse contexto, que o tópico seguinte tratará sobre as práticas docente, desenvolvidas durante a realização do estágio.

PRÁTICAS DOCENTE: os procedimentos desenvolvidos no estudo

Os primeiros dias de aulas foram desenvolvidas atividades diagnósticas para reconhecimento dos níveis de aprendizado dos alunos, bem como, o conhecimento de mundo em que eles estavam levando para a escola e socializando com os demais colegas de classe. Assim, fomos conversando, trocando informações necessárias, *a priori*, para que pudéssemos obter mais informações a respeito da rotina dos alunos quando estão em suas casas, e como foram as experiências de cada um no decorrer do ano letivo anterior, para que fosse pensada novas metodologias, propostas interessantes e desafiadoras a ser utilizada no corrente ano.

Nessa perspectiva foi pensada uma proposta de trabalho que atendesse às necessidades da turma. Inicialmente, foram desenvolvidas atividades durante os dois primeiros meses em que foi realizado o estágio e, observamos que os alunos estavam acostumados com a simples

metodologia de ensino que utilizavam sempre o caderno, o quadro branco, o livro didático e/ou papéis xerocados para estudar os conteúdos curriculares.

Nesse sentido, logo propomos realizar um trabalho que estimulasse a imaginação e a criatividade dos alunos por meio de contação de histórias, jogos, brincadeiras e produções textuais e artísticas no coletivo, como também, individualmente, com a perspectiva de aguçar os conhecimentos de cada aluno.

Desse modo, ao iniciar o estágio não obrigatório a insegurança foi imensa, apesar da força de vontade de querer realizar um bom trabalho e, de uma maneira ou de outra permanecer na vida e na memória daquelas crianças depois que esse período acabasse. Assim, com o passar dos dias foi possível estabelecer relações de afeto e de respeito entre todos o que facilitou, ainda mais, o processo de ensino e aprendizagem.

Para que este processo aconteça, é necessário, portanto, que haja uma preocupação por parte do professor em relação a prática de ensino e de uma formação de qualidade. Com isso, Silva (2003, p. 158), ressalta que:

A prática de ensino, ao se preocupar com o trabalho pautado em uma formação de qualidade, precisa despertar no profissional o desejo de conhecer, a capacidade de problematizar e buscar construir saberes que o auxiliem a atuar como docente/pedagogo [...].

Nesse contexto, buscamos, cada vez mais, nos apropriarmos dos conhecimentos, problematizando-os, refletindo sobre os objetivos propostos, selecionando os conteúdos curriculares, analisando a melhor maneira de abordá-los e discuti-los, bem como de provocar a participação e assimilação dos alunos nas atividades propostas. Dessa forma, nosso foco era contribuir com o processo de aprendizagem, tudo foi pensando, planejado e elaborado para que gerasse prazer e alegria e, que as crianças aprendessem os conteúdos brincando.

Desse modo, a primeira atividade selecionada foi de língua portuguesa, na qual trabalhamos a formação de palavras, por meio de letras móveis, confeccionadas por nós mesmos, em sala de aula. Essa atividade teve como objetivo principal analisar o nível de conhecimento das crianças: nível pré-silábico, silábico e silábico-alfabético. Precisávamos saber se eles reconheciam as letras, se formavam palavras, em que fase se encontravam naquele momento.

Nessa perspectiva, disponibilizamos as letras no chão da sala de aula, como mostra a figura 1 logo abaixo, para que os alunos, divididos em dois grupos (meninos e meninas)

pudessem procurar as letras, juntá-las, refletir sobre a junção e, conseqüentemente a leitura das palavras formadas.



Figura 1 - Atividade de formação de palavras.

Fonte: Autoria própria, (2015)

Dando prosseguindo com a atividade, na medida em que os alunos iam formando as palavras, iam escrevendo no quadro, para que ao final da atividade pudéssemos realizar as devidas correções e discutir a construção. As palavras escritas incorretamente, fomos dialogando com as crianças sobre a pronuncia. Desse modo, a todo tempo era solicitado que elas lessem e observassem a grafia, pois a intenção pedagógica, naquele momento era levá-los a percepção e realização entre fonemas e grafemas. Logo abaixo, encontra-se a figura 2 para demonstração das palavras formadas pelos alunos durante a realização da atividade.



Figura 2 - Palavras formadas ao final da atividade.

Fonte: Autoria própria, (2015)

Nesse contexto, foi possível perceber que alguns alunos não formavam as palavras corretamente. Trabalhamos esse conteúdo com mais frequência de formas diversas, utilizando letras móveis de madeira, jogo de memória, ditado ilustrado, jogo da forca e outras estratégias, até percebermos que estávamos obtendo resultados significativos.

Importante salientar, que após o desenvolvimento dessas atividades, todas as outras foram satisfatórias, a partir do momento em que os alunos iam dominando e reconhecendo as letras. Observamos que sempre havia tentativas de leitura e muitas delas exitosas.

A atividade seguinte foi desenvolvida por meio do componente curricular “Arte”, na qual disponibilizamos pratos descartáveis para que os alunos pudessem expor sua criatividade artística. Trabalhamos, nessa aula, as cores primárias e cores secundárias. Esta aula teve como objetivo proporcionar reconhecimento das cores primárias, bem como, mostrar aos alunos, que com a mistura de algumas cores podemos obter outras cores e que a esse processo dá-se o nome de cores secundárias.

Assim, fomos registrando e discutindo a cada expressão que as crianças demonstravam ao desenvolver as pinturas. Fisionomias de alegria, ansiedade, responsabilidade e preocupação. Tivemos uma aula bastante produtiva, na qual as crianças participaram, se envolveram e se empenharam durante as atividades, de tal modo que cada um registrou sua pintura no prato descartável e ficaram muito felizes quando viram o resultado. Constatamos

através da condução do trabalho, a alegria dos alunos e a importância da valorização do que eles produzem.

Outra atividade de destaque na disciplina de Artes foi o projeto didático, em que a obra do pintor, Joan Miró, foi trabalhada. Foi apresentada a biografia deste pintor, através de história literária e, os alunos tiveram acesso às obras de artes por meio de cartazes que ficaram expostos na sala de aula. Em vários momentos e dias diferentes foram socializadas com as crianças distintas obras para que se familiarizassem.

Após várias etapas trabalhadas do projeto, propomos a reprodução de um dos quadros do artista, a escolha da obra a ser reproduzida foi realizada pelos alunos. Observar a figura 3:



Figura 3 – Reprodução da pintura produzida pelos alunos.

Fonte: Autoria própria, (2015)

Essas aulas foram bastante proveitosas, ao mesmo tempo em que os alunos conheciam a vida e obra de Joan Miró, eles davam continuidade aos conteúdos anteriores referentes as cores primárias e secundárias, bem como exerciam seu lado artístico e crítico a respeito das obras estudadas e analisadas.

Em um outro momento, estávamos nos aproximando da Semana Nacional de Trânsito, entre os dias 18 a 25 de setembro. A campanha tinha como finalidade a conscientização da sociedade à respeito pela vida no trânsito, com o objetivo de desenvolver valores, posturas e atitudes que garantissem o direito de ir e vir de todos os cidadãos.

Nesse sentido, foi pensado em trabalhar com as crianças, atividades a respeito da semana de trânsito, em virtude da necessidade de desde cedo educá-los enquanto pedestres e /ou futuros motoristas. Além de levá-los a contribuir na vida de seus familiares e vizinhos, ao vê-los adotando uma postura indevida e, que possam intervir, alertá-los e colocar em prática o que aprenderam na escola.

Assim, acreditamos que quanto mais cedo trabalhar essas questões com as crianças é possível que assumam uma postura mais cuidadosa e reflexiva, pois, ao estarem nas ruas de seu bairro ou em qualquer outro lugar, possam, no mínimo, saber que só devem atravessar uma rua quando não estiver passando carro, e que em uma avenida movimentada e perigosa só atravessar na faixa de pedestre ou quando os carros estiverem devidamente parados. Nesse contexto foi discutido o sentido e o objetivo de se ter um semáforo, bem como a representação das cores e a importância de uma faixa de pedestre.

Para explorar esses conteúdos, foram realizadas discussões sobre situações cotidianas com relação ao trajeto dos alunos entre sua casa e a escola. Foram provocados no sentido de colocarem suas experiências ou situações que ouviram e/ou viram. Fizeram pesquisas, assistiram vídeos relacionados a campanha da semana de trânsito, enfim, tiveram bons momentos de discussões e aprendizados. As crianças demonstraram grande interesse pelas aulas e foram bastante críticas nas discussões que realizaram.

Fizemos um trabalho interdisciplinar com os mais variados conteúdos do currículo escolar, como por exemplo, língua portuguesa, trabalhamos a leitura das placas de trânsito, em matemática as formas geométricas, em artes a construção de maquetes.

Nessa perspectiva, para a construção das maquetes, fomos discutindo sobre o que é correto ou não no trânsito, o que um pedestre deve fazer numa rua movimentada ou sem movimento. Como um motorista deve dirigir, que cuidados deve ter, o que ele não deve fazer. Foram apresentadas algumas placas de trânsito e debatido sobre a importância de sua sinalização para pedestres e motoristas.

Após várias aulas, com metodologias diversificadas, dividimos os alunos em quatro grupos e, cada grupo ficou responsável para construir sua maquete de acordo com o que foi sugerido a eles. Assim, ficaram divididos, dois grupos com as ações certas e dois com as ações erradas no trânsito, como mostra a figura 4 abaixo.



Figura 4 - Alunos construindo as maquetes.

Fonte: Autoria própria, (2015)

Ao trabalhar com a maquete, nosso objetivo foi aproximar as situações estudadas na sala de aula, de um contexto real, que fosse materializado o aprendizado através das apresentações dos seminários. Na produção do trabalho muitos elementos pedagógicos estiveram em foco, entre eles: o conhecimento dos alunos e o que conseguiram assimilar; incentivo a criatividade; a interação com o grupo, pois nem sempre foi fácil, ensinar as crianças a ouvir o colega, respeitar suas ideias, explicar que cada um podia contribuir, que todos tinham vez e voz. Foi um trabalho enorme e, muitas vezes exaustivo, porém gratificante, porque aos poucos e, de tanto ouvir os mesmos discursos, eles começavam a ceder, a colaborar e contar com a presença do colega.

Conseqüentemente, organizamos a sala de aula para que as outras turmas de alunos, também pudessem aprender sobre a educação no trânsito. Com isso, cada grupo ficou responsável em relatar a sua experiência em relação ao que aprenderam (figura 5), informando, aos demais colegas de escola, o que se pode fazer e o que não deve ser feito no trânsito, enquanto pedestres ou motoristas.

As apresentações foram ótimas, várias turmas de outros anos foram visitar os trabalhos, os alunos explicaram tudo o que pesquisaram e aprenderam. Enfim foi importante, também, para o desenvolvimento da oralidade, da socialização, da diminuição de introspecção de algum aluno que se demonstravam calados em relação a outros.



Figura 5 - Culminância da semana nacional do trânsito.

Fonte: Autoria própria, (2015)

Encerramos as atividades da semana nacional do trânsito, com resultados bastante significativos. Propomos às crianças que falassem sobre o processo de construção das maquetes, o que aprenderam com as atividades, o que ficou de lição e aprendizado na vida de cada uma delas.

Importante salientar, que observamos que o desenvolvimento desse trabalho proporcionou às crianças adoção de boas maneiras na relação com os colegas e, acreditamos que contribuiu com a conduta de como se comportar quando necessitarem atravessar uma rua, por exemplo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A prática de estágio é de suma importância para os graduandos de cursos de licenciatura, pois é através dela que podem perceber se a carreira docente é mesmo a que desejam seguir e tê-la como profissão. Como não existe uma fórmula para ministrar aula, essa prática ajuda, ao futuro professor, para que possa construir sua própria metodologia de ensinar, a partir da realidade da turma em que está desenvolvendo o estágio. Desse modo, Pimenta e Lima (2006, p. 6), destacam que:

O estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas.

Nesse contexto, pelo que se pode observar, o estágio surge como possibilidade em relacionar os conhecimentos científicos aos conhecimentos práticos de sala de aula, a fim de preparar o graduando para atuar junto aos seus alunos. E, ainda desenvolver atividades educativas, visando a melhoria, por meio de interações, com a sociedade de modo geral.

Nesse sentido, para Araújo (2010, p. 36):

O estágio pode ainda adquirir um caráter complementar, ou seja, planejado a priori propõe atividades desconectadas das reais necessidades do campo profissional e transforma-se no momento de comprovar ou identificar teorias nas práticas dos professores [...].

Em outras palavras, a prática do estágio pode, ainda complementar a formação dos futuros professores, visto que serão oportunos momentos de planejamento de atividades, bem como possibilita o conhecimento das necessidades educacionais, para que assim, possa realizar atividades de acordo com as necessidades da comunidade em geral.

Do ponto de vista de Pimenta e Lima (2006, p. 12):

As atividades materiais que articulam as ações pedagógicas são as interações entre os professores, os alunos e os conteúdos educativos em geral para a formação do humano; as interações que estruturam os processos de ensino e aprendizagem; as interações nas quais se atualizam os diversos saberes pedagógicos do professor, e nas quais ocorrem os processos de reorganização e ressignificação de tais saberes.

Nesse sentido, as atividades e ações pedagógicas desenvolvidas durante o estágio, foram fundamentadas e articuladas com os conteúdos do currículo escolar, possibilitando momentos de interação, conhecimento e pesquisas. Como ressalta Pimenta e Lima (2006), essa interação, bem como os conhecimentos proporcionados por meio das pesquisas, servirão não só para os alunos mas, a todos os envolvidos da escola, contribuindo com o processo educativo e social de todos.

Nesse aspecto, Pimenta e Lima (2006, p. 14) destacam que:

A pesquisa no estágio, como método de formação dos estagiários futuros professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. Mas também e, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam.

Em outras palavras, o desenvolvimento do estágio se torna importante não só pela oportunidades de os graduandos conhecerem a realidade educacional e as dificuldades da

profissão, mas oportuniza, também e, mais importante ainda, permite aos futuros professores a compreensão, bem como a formação crítica das situações enfrentadas no percurso observado e trabalhado, possibilitando, ainda o incremento de novas práticas e habilidades de aprendizagem a todos os envolvidos com o processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos e objetivos desta pesquisa que visou a reflexão crítica sobre a docência, tendo como caminho o estágio curricular não obrigatório, em uma escola municipal de Maceió, destacamos a importância do estágio na formação docente e, que o estágio leva o acadêmico a desenvolver habilidades que estão relacionadas à docência, a mobilizar alguns saberes que gradativamente vão se construindo na sala de aula.

Nesse sentido, fica claro que as teorias estudadas nos cursos de licenciaturas precisam ser refletidas e inseridas nas práticas dos graduandos, uma vez que precisam ser articuladas ao fazer docente. Essa relação se torna necessária e precisa se materializar no cotidiano de uma escola, na reflexão docente, no compartilhar problemas com colegas, na busca de soluções ao levantar hipóteses sobre como fazer e o que fazer para melhorar a ação pedagógica. Assim, a sala de aula se torna um grande laboratório de aprendizagem e, o estágio tem proporcionado muitas aprendizagens.

É bem verdade que a prática do estágio foi muito proveitosa, pois, nos oportunizou o contato com o espaço educativo, nos proporcionou desafios em várias dimensões: humana, técnica e social. Com isso, as atividades desenvolvidas durante o estágio não obrigatório foram significativas e, sinalizaram que o cenário em questão é muito importante, tanto para nossa formação profissional, quanto para a formação e o desenvolvimento dos alunos, que anseiam por uma escola prazerosa, acolhedora e cheia de novidades que visem contribuir com o processo de aprendizagem.

Entendemos, portanto, que os resultados discutidos neste artigo, permitiram, tanto ao estagiário quanto aos alunos, momentos importantes de estudo e pesquisa e, que nos possibilitou analisar que a prática de estágio é extremamente rica, significativa e cheia de sentidos que nos proporcionou reflexões acerca da escolha profissional.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Geiza Torres Gonçalves de. **Estágio supervisionado: espaço e tempo de formação do pedagogo para a atuação profissional**. 2010. 119 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/Dissertacao_GeizaAraujo_2010.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2015.
- BERNARDINE, Angelita Gralak. A importância do estágio supervisionado: relato de experiência. In: FÓRUM DAS LICENCIATURAS, 1, 2011, Guarapuava. **Anais...** Guarapuava: [s.n.], 2011. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/flicenciaturas/pdf/iv1n1/56.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2015.
- BRASIL. **Cartilha esclarecedora sobre a Lei do Estágio: Lei nº 11.788/2008**. Brasília, DF: MTE, 2008. Disponível em: <http://www3.mte.gov.br/politicas_juventude/Cartilha_Lei_Estagio.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8 ed. São Paulo, Cortez, 2010.
- GUIMARÃES, Alessandra Rodrigues; FONSECA, Rogério Gerolineto; BERNARDES, Maria Beatriz Junqueira. Uma experiência de estágio em geografia: anos finais do ensino fundamental da escola estadual Gov. Israel Pinheiro – Ituiutaba-MG. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16, 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: [s.n.], 2010.
- MORAES, Gisely Lima de. **Estágio na licenciatura em pedagogia: projetos de leitura e escrita nos anos iniciais**. Petrópolis, Vozes; Maceió, Edufal, 2012.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, Santa Catarina, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2006.
- SILVA, Lázara Cristina da. O papel da prática de ensino e do estágio supervisionado na formação do pedagogo: algumas reflexões. **Ensino em Re -Vista**, Uberlândia, v. 11 n. 1, p. 151-164, jul. 2002/jul. 2003.